

Sob o signo de Alice Sande A miniaturista



Sob o signo de Alice Sande A miniaturista

Ana Paula Assunção



mara Municipal de Góis

Ficha Técnica

Capa, design, fotografia · Alexandre Mesquita Carvalho Fava

Texto, investigação, projecto · Ana Paula Assunção

Consultoria gráfica · Ideias e Soluções, Lda.

Edição · Câmara Municipal de Góis

Produção gráfica/tipográfica · Pedro Coelho Edições

ISBN · 972-97357-1-9

Depósito Legal · 229283/05

N.º exemplares · 500

Capa: miniatura de marfim de Alice Sande, **Toucado branco (?)**,

Dimensões aprox.: 2x2cm, s/d.

Paços Velhos

Sou um elo da cadeia
De inúmeras Gerações
Que nestes Paços
Nasceram
Viveram
E morreram

Um dia,
algures no Infinito
nos encontraremos

Alice Sande
1991

A memória e o respeito

Os valores são indubitavelmente referências tanto para os indivíduos como para as comunidades pois, é através deles que se baliza a forma de estar na vida de todos. De alguma forma, desempenham o papel identificador e espelham a continuidade entre gerações. Neste contexto, a herança de bens materiais ficam ofuscados perante os bens morais transmitidos, perante os gestos nobres realizados. A vida dos Homens e das Mulheres tem estes alicerces que permitem construir os pilares de uma sã e íntegra comunidade.

A este propósito e como representante oficial de todos os meus concidadãos de Góis, tenho o orgulho de agradecer e sublinhar a dupla doação que Alice Sande legou à nossa comunidade: a sua casa, que será parte do Museu de Góis, e o seu espólio artístico, que será depois exposto.

Se este gesto, em si, é de uma grandeza e de um espírito despojado para com toda a nossa comunidade, devemos saber reciprocamente respeitar este legado, tudo fazendo para que o Museu de Góis seja rapidamente uma realidade e um espaço condigno à altura de quem, como Alice Sande, doou uma parte importante e significativa da sua vida.

Neste sentido, sei que o Museu de Góis será um símbolo do respeito e da memória individual e colectiva da nossa comunidade. Será um novo espaço de visita obrigatória a todos quantos quiserem reencontrar a suas raízes ou

descobrir a verdadeira alma e a natural gente de Góis. No seu programa, haverá obrigatoriamente um percurso específico e valorizador de todo o espólio artístico de Alice Sande que testemunhe a sua forte ligação à nossa terra.

Consciente desta interacção afectiva e respeitosa entre Alice Sande e a comunidade goiense, assumo o compromisso, como homem de bem, em transmitir às novas gerações este nome, acrescido da sua faceta artística. Porque os homens devem ter memória, como melhor sinal de respeito para quem tudo deu em prol do bem comunitário. Porque os homens devem ter respeito colectivo, como melhor sinal de memória, por este gesto individual. Porque não há Terra sem homens e mulheres de boa vontade que se assumam...

Assim, Góis é e continuará a ser uma terra orgulhosa das suas gentes, identificando-se nos gestos, nos trabalhos, na vida que honradamente levam no seu dia-a-dia. Somos uma terra com vida e vontade de continuar a teimosamente viver junto do Ceira, pelos vales e pelas serras que nos envolvem.

Bem haja!

O Presidente



Fig.01 · S/título · Miniatura em marfim ·
Dimensões aprox.: 6x4cm · s/d.



Índice

11 Metodologia

15 Alice Sande
Uma biografia necessariamente em aberto

35 A formação e a opção pela miniatura

43 Itinerário pelas miniaturas de Alice Sande

49 A Casa - Museu de Alice Sande

61 Bibliografia

Metodologia

O silêncio guarda Góis no coração da serra.

A quietude está presente e estende-se. Algo de generoso e sagrado protege esta terra onde os traços do tempo se inscrevem como se o ontem se confundisse com o respirar. Por entre ruas que trazem os sabores, cheiros e gestos antigos — Rua da Lavra de Baixo, Rua de Pero Rodrigues, Rua da Roda — amanhece Góis que enfrenta os dias com a calma que os quotidianos repetidos instalam. É, absolutamente, uma terra que espreita.

Que espera: seja o despertar dos sentidos e das oportunidades, seja o rebentar da trovoadas e a liberdade da água.

É neste frio/calor que Góis guarda a história da sua fundação e da sua importância: fácil é evocar o que já tantas vezes se ouviu, atrevimento é inscrever novos nomes, insistir para que ganhem uma dimensão maior e não apenas de família ou famílias.

Para alguns e algumas goienses, Alice Sande pode ser apenas uma associação da casa onde exteriormente o nome está inscrito, ou uma presença no café onde habitualmente olha as pessoas com os seus olhos espantados de azul.

Para outros, a Alicinha, a que pinta; para outros, ainda, mais velhos e da terra, grupo mais restrito, a Xinha, a menina Xinha.

O facto é que Alice Sande é tudo isto.

Uma mulher de fora e dentro de Góis: ausente e presente.

Tudo isto acompanha a generosa doação da Casa do Pombal e recheio à

Autarquia para nela alojar uma Casa-Museu.

Generosa doação por ser possível, desta forma, estudar completamente o que foi o Hospital de Góis, o qual se espera vir brevemente a ocupar o lugar a que tem direito na história das populações.

E nele se inscreverá, também, a história de Alice Sande.

A presente edição apresenta-se, pois, num contexto de agradecimento público a Alice Sande, na forma de um ensaio biográfico, uma obra por vocação e intenção abertas, registando vários testemunhos recolhidos em Góis e na família mais directa — uma opção de prioridade; o itinerário pela sua produção, em particular pela faceta que mais a distinguiu, a miniatura, e percorrendo, sempre que possível, colecções particulares.

Dado ser uma vontade manifestada por Alice Sande, atrevemo-nos a tecer algumas ideias sobre um futuro programa para a sua Casa-Museu.

Que isto de lidar com vontades e sonhos é matéria particularmente sensível mas que me seja ainda possível ouvir de Alice Sande o sentido que pretende: comprometo-me a ouvi-lo e aplicá-lo, técnica e cientificamente. Compromisso de honra.

Seja-me permitido, também, nestas primeiras palavras, agradecer à Câmara Municipal de Góis a entrega deste trabalho: se o projecto de Museu de Góis

é um privilégio e um desafio intelectuais, este é sobremaneira, honroso. Iguais palavras me merecem a Dra. Ana Cristina Rosa, inexcedível na sua dedicação e amor ao projecto desde o seu início, sublimando algum já desprendimento de Alice Sande a um nível de entrega, apenas possível por quem possui uma alma grande; à Cila, Cecília Nascimento, que me ofereceu do seu tempo, para procurar comigo, nas entrelinhas dos livros do Arquivo, histórias das famílias antigas; obrigado pelo seu sorriso e carinho para me guiar para outros goienses como Vítor Nogueira Dias, Teresa Barata Lopes Baeta Martins que também falou da Carmina, a criada mais antiga da família; a todos, colectivamente, devo a partilha de uma imensa ternura por Alice Sande.

À Dra. Ana Paula Cardoso, do Museu Municipal Dr. Santos Rocha que me permitiu abrir portas para a continuação do estudo sobre Alice Sande.

Ao Professor e Pintor Vitor de Castro Pinhão as palavras de confiança e a riqueza de informação.

Aos familiares mais directos de Alice Sande, palavras de agradecimento.

Finalmente, a Alice Sande pelas respostas prontas e sempre com uma ironia cortante, admirável, pela confiança com que me recebeu na sua casa e comigo partilhou a sua música, sonhos e tristezas, mesmo que muito brevemente.

A todos o meu profundo obrigada.



Fig.02 • Auto-Retrato • Miniatura •
Dimensões: 6,5x5,5cm • 1999.

Alice Sande

Uma biografia necessariamente em aberto

“Um homem não é nunca um indivíduo; seria melhor considerá-lo como um universo singular: total e ao mesmo tempo universalizado pela sua época, que ele retotaliza reproduzindo-se nela como singularidade. Universal através do universal singular da História Humana, singular através da singularidade universalizante dos seus projectos, exige ser estudado sob os dois aspectos simultaneamente.”¹

É sob esta perspectiva que nos propomos abordar a biografia de Alice Sande. E se nos rodeámos de metodologias científicas para a elaboração do presente trabalho, que fique presente que não ignoramos o especial papel de mediadora que acabaremos por assumir, da mesma forma que Alice Sande o assumiu relativamente à própria sociedade.

Para este objectivo, cercámo-nos de fontes variadas: materiais biográficos primários, informações autobiográficas directamente recolhidas num contexto de interacção e, noutra fase, materiais biográficos secundários — fotografias, recortes de jornais, testemunhos escritos, documentos oficiais.

Optámos por ouvir prioritariamente os locais, os vizinhos em Góis, os familiares mais próximos e os amigos que conviveram directamente com

¹ Ferrarotti, Franco, *Histoire et Histoire de Vie. La méthode biographique dans les sciences sociales*, Librairie des Méridiens, Paris, 1983, p.59



Alice Sande, ainda na infância, quer em Góis, quer na Figueira da Foz.

Não é possível elaborar uma biografia sem atender a contextos sociais, familiares e de influências. A pertença a grupos.

É por isso que falar de Alice Sande nos remete, obrigatoriamente, para abordar uma importante família de Góis, os Nogueira Ramos e também, pelo lado materno, nas origens de Sande.

Para além de uma personalidade complexa, rica e perturbante, Alice Sande, ao definir-se ela própria como “diferente”, artista, criou o seu mundo, com cores mais ou menos conforme o seu entendimento de vida, de minúcia e de figurações predominantemente femininas, provocantes e, em extremo, questionantes.

Como, de facto, tem sido a sua vida, desde que se conheceu como pessoa.

Ao entrar na sua sala de trabalho — os seus utensílios de pintora, artesã da cor e dos motivos; lá estavam as suas mangas manchadas de tantos trabalhos, a janela por perto para respirar o som da rua, a tela da última encomenda a aguardar o momento, a preparação para a próxima miniatura, com o retrato já iniciado — naquele ambiente, de tempo suspenso, encontrei sobre a sua mesa redonda, papéis soltos, dobrados, restos do folheto da GóisArte de 2004 — e a sua aguarela da ponte — e textos soltos.

Que me diriam se os lesse?

Trago-os aqui para uma partilha. Tudo tem linhas que se cruzam e descruzam

e destinos que poucas vezes pressentimos.

Eram afinal duas páginas com um texto que uns dizem falsamente atribuído a Gabriel Garcia Marquez. Para o caso, é pouco importante. Mas é irrecusável ler essas linhas e não pensar em Alice Sande.

“(...)Aprendi que todo o mundo quer viver no cimo da montanha, sem saber que a verdadeira felicidade está na forma de subir a escarpa. Aprendi que quando um recém-nascido aperta com a sua pequena mão pela primeira vez o dedo do seu pai, o tem prisioneiro para sempre. Aprendi que um homem só tem o direito de olhar um outro de cima para baixo, para ajudá-lo a levantar-se.”²

Nasceu na vila de Pombal às quinze horas e trinta minutos do dia 18 do mês de Novembro de ano de 1925, Maria Alice de Sande Marinha Nogueira Ramos, filha legítima de Ruy Manuel Nogueira Ramos, natural do Concelho de Góis e de Maria Elvira Gonçalves de Sande Marinha, natural de Figueiró dos Vinhos.

Como avós paternos, Mário Fernandes Nogueira Ramos e Alice Paredes Nogueira Ramos; avós maternos, Acácio de Sande Marinha e Alice Gonçalves de Sande Marinha.

² Que atrevimento este? Pegar nos papéis foi instintivo: Alice Sande tinha as suas coisas ali, como se ainda ontem os tivesse lido e pensado o que tinham a ver consigo. Pareceu-me que tinham tudo a ver. Talvez não tenha oportunidade para esclarecer tudo mas não acredito em acasos. Desculpe, Alice, se cometi alguma indiscrição.





Fig.03 - Pais de Alice Sande - s/d.

Casou na Figueira da Foz com Jorge Rodrigues Bessa d'Almeida e Castro em 1957, casamento dissolvido em 29 de Abril de 1992.

Alicinha foi sempre de desenhos, minúsculos, a carvão que apagava com bolas de pão. Tocava piano, quando havia visitas e conforme à época, falava Línguas Estrangeiras, Francês, Inglês, Alemão.

Educada em casa, sob a presença do pai, de uma mãe, ora discreta, ora mais presente mas austera e rígida, cultivando alguma distância, em consonância com o próprio perfil do pai.

Educação diferenciada: o homem, o irmão, para estudar e ter uma profissão; a menina, aprender bordados, a brincar com bonecas. A presença das criadas, a Carminda que entrou para a família com apenas 11 anos e que nunca casou, a Isilda (criada de fora) e mais tarde, a Teresa, a quem a Dona Maria Elvira dá a caminha de bebé para ter presente na cozinha o seu filho, é uma constante determinante no processo de sociabilização de Alice Sande, de estruturação da sua personalidade enquanto pessoa e mulher.

Nasceu em Pombal.

Na década de Trinta está em Góis, o pai é Presidente da Câmara, herança de família, quase nos atreveríamos a dizer, perante a influência que desde o séc. XVIII goza em Góis; todos acompanham o pai — mãe, filha e filho —

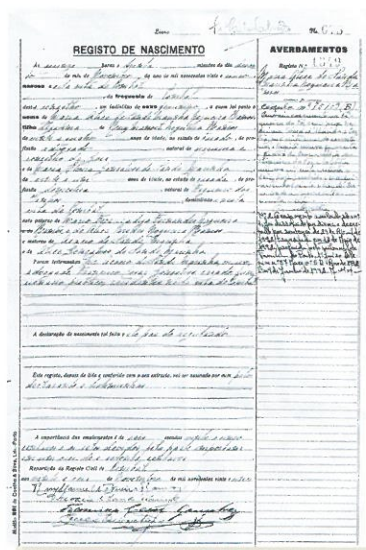


Fig.04 - Registo de nascimento de Alice Sande.



Fig.05 - Jorge Castro - Miniatura em marfim - Dimensões: 6x4cm - s/d.

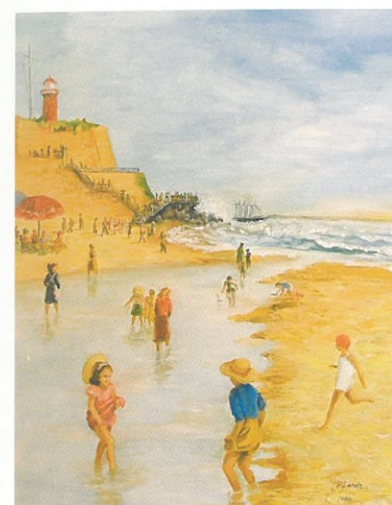


Fig.06 - Figueira da Foz, anos 40 - Óleo
- Dimensões aprox.: 80x60cm - 1995.

advogado, aluno em Coimbra de António de Oliveira Salazar, crente no Integralismo Lusitano e perfeitamente integrado no espírito e prática do Regime. Já com Oliveira Salazar no Governo é convidado para dirigir os destinos da Câmara Municipal de Figueira da Foz, onde o encontramos no período da II Guerra Mundial; mesmo depois de ter saído desse cargo, continuará à frente da Comissão de Abastecimento, consequência ainda dos racionamentos da II Guerra.

Conhecido pela sua firmeza e rectidão, dureza até, ficou contudo na memória pelo seu desacordo na instalação da fábrica de cimento, mesmo ao pé da praia. Desacordo e firmeza que o fez sair da Presidência. E se aceitou o lugar de Inspector do Ministério do Interior, percorrendo o País e as Câmaras, pôs a condição de não abandonar a sua casa e permanecer na Figueira da Foz. O que aconteceu até à década de Sessenta.

Contudo, se insistimos na apresentação desta personagem, não é por acaso: a figura do pai de Alice Sande é incontornável para se entender o contexto da sua vida e algumas opções (ou a falta delas); na Figueira da Foz, a abertura do Casino também é um facto relacionado com a história da família Nogueira Ramos.

A condição de abertura do referido Casino e de distribuição de resultados pelas Freguesias e associações de assistência conduzem a uma significativa manifestação de apoio, (devidamente programada e controlada) a 4 de Março de 1945.

Dizia “A Comarca de Arganil” de 6 de Março: “No domingo, reuniram-se na Câmara Municipal da Figueira da Foz os organismos de assistência do concelho, para prestarem homenagem de agradecimento ao nosso ilustre amigo e conterrâneo, Sr. Dr. Rui Nogueira Ramos, distinto presidente do Município figueirense, pelo auxílio que lhes tem prestado e pelo seu grande interesse para que o casino Peninsular seja explorado em regime beneficente a favor das juntas de freguesia e instituições de caridade, que, de há anos a esta parte, vêm sendo contempladas com verbas saídas dos lucros daquela exploração. (...)

A cerimónia teve grande imponência. Todos os oradores puseram em evidência a justiça da homenagem, que o Sr. Dr. Rui Ramos bem merecia, pois tem sido um desvelado amigo das casas de caridade e de beneficência figueirense, procurando, nas suas funções de presidente do Município, a todas valer, dentro de quanto lhe é possível.”

Palavras do homenageado n’O Primeiro de Janeiro de 7 de Março: “(...) por último, o Sr. Dr. Nogueira Ramos agradeceu, sensibilizado, a homenagem que acabava de lhe ser prestada, pela actividade que desenvolvera, e disse que ela tinha sido permitida simplesmente pela sua função de intermediário, bem compreendida, é certo, mas nunca se concretizaria sem o apoio das instâncias superiores.

Recordou depois a memória do industrial Alfredo da Silva, num transe

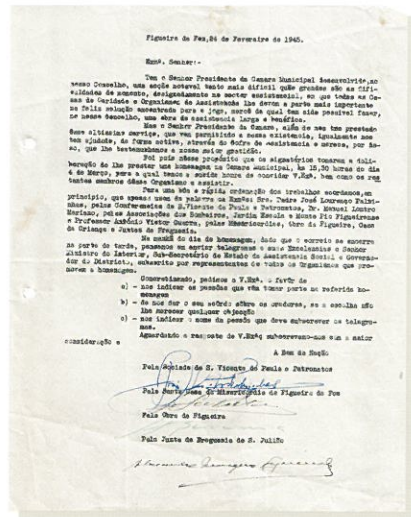


Fig.07 - Ofício de promoção da homenagem ao Dr. Rui Manuel Nogueira Ramos.



Fig.08 - A Comarca de Arganil 06/03/1945.

difícil para o Turismo da Figueira da Foz, enalteceu, em seguida, a atitude do Sr. Engenheiro Melo, da Companhia da União Fabril.”.

Depois da Figueira, passa para a Inspeção do Ministério do Interior.

Percorre o País, continua a levar consigo a família, agora já os netos, filhos do seu filho, Jorge Manuel Sande Marinha Nogueira Ramos

Retorna em 1970 para a terra natal, Góis, onde os seus avós e pais tinham possuído um significativo conjunto de propriedades e riqueza.

Aliás, em 1856, José Nogueira Ramos, bisavô de Rui Manuel Nogueira Ramos, era vereador na Câmara.

Duas das mais importantes famílias juntam-se,então por casamento no séc. XIX: a Cortez (da parte da noiva) e a Nogueira Ramos; opostas na política mas contudo com amor de permeio, o casamento faz-se.

Rui Manuel Nogueira Ramos, já reformado, regressa à Presidência da Câmara a convite do seu amigo, Marcelo Caetano, vizinho do concelho de Arganil. A sua irmã mais velha, Maria Ascensão, tinha sido professora na escola em Góis.

Mas já então, este Presidente considerava que Portugal não estava bem; contudo, só após 25 de Abril de 1974 sairá e por força dos acontecimentos: “O Presidente afirma que está apesar de se ter despedido, aguardando a exoneração do lugar que tem exercido, pelo que nos termos da lei ainda se

encontra em funções.”³

A 27 de Abril fora a Coimbra entregar tudo o que o ligava à Legião Portuguesa.

A família Nogueira Ramos viverá num conjunto edificado na Praça da República (antiga Caixa Geral de Depósitos) e só se instalará no edifício do hospital de Góis, quando começa a alugar o rés do chão e faz algumas obras para conforto, como a casa de banho, cozinha e mesmo as duas lareiras no primeiro andar. A actual casa de Alice Sande estava arrendada e só na década de Noventa entra definitivamente em uso da família, pela mão de Alice Sande.

Maria Elvira Sande Marinha, a mãe de Alice Sande, não traz posição para Góis; o nome antigo, aponta para um “apelido que segundo uns deriva da Torre de Sande, na Galiza e segundo outros provém de S. Martinho de Sande (entre Braga e Guimarães) ou da quinta de Sande, na freguesia de S. Clemente. Ao tempo de D. Dinis vivia Fernão de Sande, cavaleiro e senhor da referida Quinta de Sande. Um dos seus filhos, Álvaro Fernandes de Sande, foi casado com D. Brites de Menezes, filha de D. Afonso Teles de Meneses (...), dela tendo descendência que continuou este apelido.”⁴

³ Livro de Actas da Câmara Municipal de Góis, n.º49 — 2/5/74 a 14/6/77, acta n.º 13, p.11

⁴ Sousa, Manuel de, *As origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas*, Sporpress, 3ª ed., 2003, p.226

A fortaleza de Sande está localizada em Castelle, terra de Celanova, conhecida pela influência religiosa e económica do Mosteiro dos Beneditinos, que introduziram a exploração intensiva da vinha.

Em 1878, Pinho Leal considera que, entre várias opiniões, “o primeiro Sande que veio para Portugal, foi Lopo Afonso de Sande, no reinado de D. João I.

(...) Sandes da Galiza, progenitores dos de Portugal. Há actualmente neste reino, muitas famílias nobres, de apelido Sande, todas descendentes do mesmo tronco (...)”⁵

Américo Costa no **Dicionário Corográfico de Portugal...**, confirma o apelido Sande como de famílias nobres. Diz: “ Por decreto de 9 de Agosto de 1823 D. João VI criou o 1ª barão de Sande, em sua vida, a João de Campos Navarro de Andrada, do seu conselho (1818) (...). O 1º barão de Sande era irmão do 1º barão de Vila Seca.”⁶

Na **Genealogia e Heráldica**, encontram-se referências: “Lopo Afonso veio para Portugal com seu irmão Pedro Lopes, por haverem deitado por uma janela um abade de Celanova. Pedro Lopes voltou para Castela. Ambos foram muito bem recebidos pelo rei de Portugal D. João I. Sobre a filiação

⁵ Pinho Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de, *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, ...*, Lisboa, 1878, p.336

⁶ Costa, Américo, *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*, p.567

destes irmãos nem todos são concordes, (...). De Lopo Afonso descendem os Sandes portugueses.”⁷

A referência ao nome Sande está presente no da bisavó de Alice, Maria Isabel de Sande Marinha.

Finalmente, Alice.

Maria Alice, primeiro, depois, Alice Sande, é, assim, portadora de longas e fortes raízes familiares e é de salientar a sua opção por um nome em consonância com a sua avó de que recebe Alice e também desse mesmo ramo familiar, uma opção pelo lado feminino. Um evidente recuar no tempo, um despojo maior e mais liberto de todas as histórias.

Maria Alice, Alicinha, Xinha, Alice Sande teve, portanto, uma educação em casa, com uma orientação firme mas também encorajante por parte dos pais que sempre acarinharam a sua natural capacidade para o registo dos pormenores, dos registos mais pequenos, miniaturais, fosse em desenho, fosse em qualquer outro suporte, como conchas das praias da Figueira da Foz ou, posteriormente, já com a aplicação em finas folhas de marfim.

Esta tendência e escolha, afinal, acabam por marcar definitivamente a sua carreira.

⁷ Armorial Lusitano, *Genealogia e Heráldica*, Lisboa, 1961, p.491



Fig.09 • **Maria João** • Miniatura em marfim • Dimensões aprox.: 2x2,5cm • 1946.



Fig.10



Fig.11

Fig.10 • **Pequena Holandesa** • Miniatura sobre marfim • Dimensões: 6x4,5cm • c.1946?

Fig.11 • **S/título** • Miniatura sobre marfim • Dimensões aprox.: 2x2,5cm • 1949.

Fig.12 • **Estudando** • Miniatura sobre marfim • Dimensões aprox.: 3x3cm • 1951.

Fig.13 • **Menina das tranças** • Miniatura sobre marfim • Dimensões aprox.: 2,5x2,5cm • 1954.



Fig.12



Fig.13

A partir dos 15 anos, Maria Alice começa a estrear-se na pintura.

E sem dúvida que os trabalhos, ainda hoje possíveis de apresentar nesta obra, confirmam que são auspiciosos e feitos com delicadeza.

Miniaturas desde 1943 que criam, com firmeza, o seu caminho.

No seu livro de registo manual, surgem preciosas informações soltas; às vezes, nas costas de fotografias, uma data ou uma medida ou até o nome do comprador/a.

Os trabalhos que se apresentam são, sem dúvida, o melhor cartão de apresentação da miniaturista.

Foi com elas que se abriram portas para exposições.



Fig.14 • **Hora da sesta** • Miniatura sobre marfim • s/dim. • s/d.

É no ambiente da Figueira da Foz, do Casino e das visitas mais ou menos sociais em casa de seus pais que Alice Sande vai travando conhecimentos — entre os quais a família Bessa Castro. É também na Figueira que vai tornando conhecida esta sua arte, embora tenha a sua actividade como professora de Desenho no Colégio de Santa Catarina, actividade que exercerá ao longo de nove anos. Com os seus trabalhos, ganha o suficiente para ir até Lisboa estudar e receber lições com Armando de Lucena.

Não será por acaso que a sua primeira exposição de trabalhos ocorre em 1940 na Figueira da Foz, seguindo-se outra em 1953 no Casino Peninsular, no Colégio de Santa Catarina e depois, novamente no Casino em 1957.

A sua peça, **O lenço vermelho** no Museu Municipal Dr Santos Rocha, marca a sua presença na terra onde adquiriu as bases para o trabalho da miniatura.⁸

Dos encontros entre famílias na Figueira da Foz, conhece Jorge Castro com quem aceita casar em 1957, com 32 anos. Em 1958 expõe no Ateneu Comercial do Porto, cidade para onde foi viver com o marido.



Fig.15 • **Lenço Vermelho** • Miniatura em marfim • Colecção do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz • Dimensões 6,51x5,00cm • 1949.

⁸ O nosso agradecimento ao Museu Municipal e em particular à Dra. Ana Paula Cardoso.



Fig.16

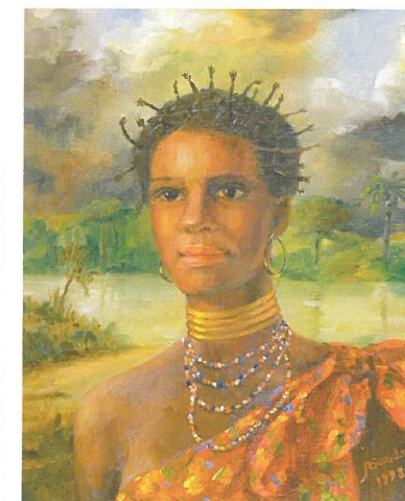


Fig.17

Aceita ir para Angola, nesse mesmo ano, quando a CUF, empresa onde trabalha o seu marido, o envia para Luanda.

Também aí e durante dois anos continuará a realizar exposições, nomeadamente em Mavoio e Luanda com os seus trabalhos em miniatura e desenho; dessa passagem por África trará recordações e influências, mais tarde traduzidas em pinturas. Em 1960, produz a miniatura que com o n.º387, no seu inventário, diz encontrar-se no Museu de Angola.

O seu **Crepúsculo Africano** a óleo traz-nos a sua imagem de Mavoio.

Fig.16 • **Crepúsculo Africano** • Óleo • Dimensões aprox.: 60x80cm • 1982.

Fig.17 • **Elegante Africana** • Óleo • Dimensões aprox.: 40x50cm • s/d.



Fig.18

A miniatura acompanha esta autora.

Instala-se no Porto, depois do regresso de Angola. A vida de Alice Sande tem já outra dimensão, mais a seu gosto: assume uma profissão e vive das suas pinturas, miniaturas, ganhando uma efectiva independência financeira e recebendo reconhecimento.

Encontra em Maria Odete Sonnesso de Vasconcelos e Castro a sua ligação ao mercado e a uma diversidade de trabalhos. Odete Castro é dona de uma casa comercial de Arte e Decoração e torna-se uma fiel "cliente" de Alice Sande: uma percentagem significativa dos trabalhos de Alice Sande são da sua propriedade.

Mas Odete Castro, não é apenas uma admiradora do trabalho de Alice, é uma verdadeira amiga.



Fig.19

Fig.18 • **Maria Odete Sonesso Castro** • Miniatura em marfim • Dimensões 6,5x4,2cm • s/d.

Fig.19 • **O elefante e a cubata** • Objectos em miniatura pertença da artista: porta-moedas, elefante, cubata, pião e semente • Escala natural.



Fig.20 • **S/título** • Acrílico sobre tela • Dimensões aprox.: 90x150cm • 1995.

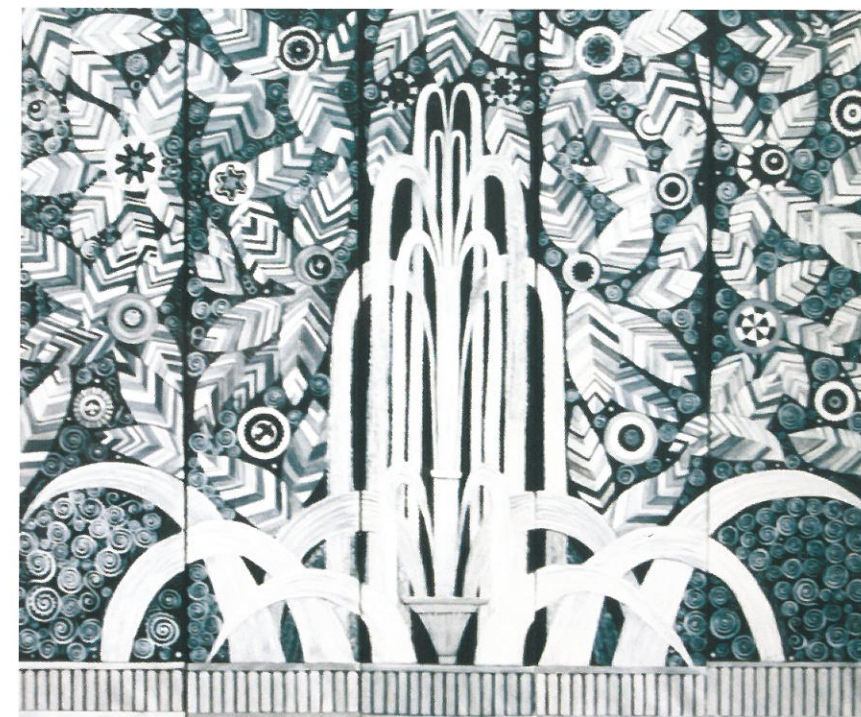


Fig.21 • **Biombo** • Acrílico sobre 5 folhas de tela • Dimensões aprox.: 180x150cm • 1994.

A ligação comercial é permanente e constante: "nº 213 — óleo 1,20x60; nº 280 — decoração para D. Odete; nº 283 — Biombo — 5 folhas de óleo sobre tela — decorações D. Odete, 1994; nº. 239 — óleo 1,20mx60cm — comprado por D. Odete Castro para um cliente, 1977; nº 391 — Quatro homens jogando cartas — D. Odete — decoração; nº 394 — Cavalos — acrílico — decoração D. Odete".

No seu caderno de registo de trabalhos, Odete Castro aparece referida ainda em 2003.



Fig.22 - **Bacante nº3** - Miniatura sobre marfim -
Dimensões aprox.: 4x7cm - s/d

As décadas de Oitenta e Noventa marcam uma fase decisiva na vida de Alice: não se trata apenas de uma evidente visibilidade em termos de encomendas mas também de exposições e de presença em termos de representação enquanto Arte, em Museus e Fundações. Alice Sande tem o seu nome associado ao mundo da Arte. Tem, finalmente, o seu próprio nome.

O pagamento de serviços por troca de trabalhos é uma postura normal em Alice. Nas anotações que a própria fez encontram-se referidos casos: "nº. 116 Virgem Maria — Algarve. Aguarela. Escolhido pelo jornal **O Primeiro de Janeiro** para pagamento da sala de exposição em Maio/84." Durante o período com problemas de visão que conduziram a uma intervenção cirúrgica, Alice Sande paga com pinturas ao Dr. António Travassos, de Coimbra.



Fig.23 - **S/título** - Acrílico sobre tela -
Dimensões aprox.: 50x40cm - 1995



Fig.24 - **S/título** - Aguarela - Dimensões
aprox. 40x30cm - s/d

A situação instável e algo dramática com o seu marido (por questões de doença do próprio), leva-a a um progressivo afastamento, até do Porto. Algarve é outra hipótese. Mas Góis apresenta-se como uma oportunidade para recomeçar. As paisagens de Góis — aguarelas — preenchem um novo ciclo da vida de Alice.

É, também, nesta altura que Alice faz a sua própria apresentação à Terra: decididamente é Alice Sande e nos encontros regulares de Arte/GóisArte marca a sua presença e começa também a transmitir orientações, conselhos, a ensinar.

Divorciada a partir de 1992, mas continuando a viver com o marido, sem filhos (duas gravidezes interrompidas), dedica-se de corpo e alma aos seus gostos. A casa de Góis tem peças da sua antiga casa e nela se encontra, de alguma forma, espelhado o seu trabalho, a diversidade de olhares.

Trava conhecimento com José Albano Cid e através deste com Armando Martinez, da Galiza. Passará a designá-los como “filhos adoptivos”, justificando-os como tendo teoricamente a idade dos filhos que não teve (sublimando o facto de não saber sequer se poderiam ter sido do sexo feminino).

Esta fase, no fundo, aproxima Alice de um meio social, cultural, onde procura ter o seu lugar.

A partir de 2000, em entrevistas⁹ começa a referir-se e a e considerar-se como sendo a única miniaturista existente em Portugal, ideia que retoma numa entre- vista, pouco tempo depois, “(...) a pintora Alice Sande, especialista em retratos-miniatura (...), afirmou tristemente que o seu trabalho está em vias de extinção, pois, infelizmente, não conhece ninguém que faça o mesmo que ela.”¹⁰

⁹ Em 2000 aparece no Programa de José Luís Goucha, **Praça da Alegria** e fala da sua actividade de miniaturista.

¹⁰ **Caras**, n.º331, 15/Dezembro/2001



Fig.25 · Alpendre da casa de Alice Sande.

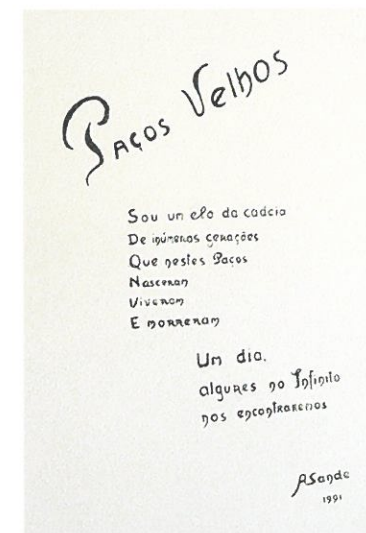


Fig.26 · Alpendre da casa de Alice Sande, poema “Paços Velhos”.

Góis trata-a como uma Senhora.

É homenageada publicamente, em Góis; recebe apoio para se deslocar a Pontevedra para intercâmbios da Autarquia. Desenvolve contactos, estimula relações de Arte com a sua Terra.

Para muitos, já não é só a menina do Sr. Dr. Rui Nogueira Ramos, nem tão pouco, apenas, a Alicinha para quem a viu crescer.

Alice Sande assume a sua ligação ao passado; no seu alpendre, virado para a antiga Casa das Ferreirinhas, para a Serra, para uma memória de gestos e afectos, grava o seu testemunho:

“Sou um elo de gerações

...”



Fig.27

Fig.27 • **Oração** • Miniatura sobre marfim
• Dimensões 6,5x5cm • s/d.

A formação e a opção pela miniatura

Como referências sobejamente apontadas e importantes na consolidação da suas capacidades de concentração, de observação e de manipulação, temos Armando de Lucena, René Reynaud e Helena Pérestelo.¹¹

Professores que, sem dúvida, instruíram Alice para este desempenho artístico e que a acabarão por lançar para um outro cenário de vida, mais independente.

Armando de Lucena é um nome conhecido.

Discípulo de Carlos Reis, Condeixa, tem a distingui-lo um cromatismo impressionante e uma opção especial pelo pequeno, o que não deixa de ser relevante quando se procura compreender e apreender o percurso de formação e as influências que eventualmente terá transmitido ou acentuado na sua aluna, Alice.

“Os seus pequenos quadros à espátula com paisagens e trechos de casario têm por vezes vincado carácter.”¹²

Quando ensina Alice Sande é já possuidor de um currículo seguro. Já tinha obtido a Medalha de Ouro em Sevilha, 1929, na Exposição Íbero - Americana,

¹¹ Consideramos haver imprecisão no apelido referido. Matéria a aprofundar...

¹² Pamplona, Fernando de, **Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal**, Civilização Editora, 2ª edição, Lisboa, 1992, pp. 246,247

a 1ª medalha em pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes. Tinha publicado em 1943 **Pintores Portugueses do Romantismo**.

Era colaborador de jornais e revistas e autor de uma série radiofónica, na então Emissora Nacional, “Arte Popular, Usos e Costumes Portugueses”, posteriormente editadas em livro.

Curiosamente, Alice regista no seu inventário de trabalhos, sob o n.º 93 a seguinte descrição: “casas ribeirinhas — óleo à espátula. Pertence à irmã da Ilda”, técnica também usada pelo Mestre.

Mas como nos referiu a própria Alice, num breve trocar de palavras, Helena/Lena foi também Mestre na arte da miniatura em marfim.

Da ligação familiar a Marcelo Caetano vai receber, das suas mãos, presas de elefante que este trouxera de Angola.

Será com este marfim que, ao longo da sua vida, Alice Sande fará as suas miniaturas.

A curiosidade maior perante estes trabalho é, sem dúvida, a minúcia, o rigorosamente minúsculo mundo que se esconde ou se antevê nos 1,5cm até ao limite de 15cm: quantos pormenores ali se encontram!

Como contar dentro desta tão exígua área toda a história de um rosto, de uma cena, de um olhar, de um vestido ou pedaço de cabelo, solto, apanhado...!

Com poucos registos escritos — Helena Perestrelo(?) é ainda somente um nome — pode constituir um atrevimento, abordar a técnica de Alice Sande.



Fig.28 • Iluminura medieval in *The history of illuminated manuscripts*, 1994, p.112

Mas colocar hipóteses, elencar cenários, propor explicações é mister do Historiador...

Recuando um pouco, a tradição da iluminura é um primeiro património a considerar.

A utilização de um modelo é constante e normal e o exemplo confirma autoridade. Pergaminho, pele, papel, o iluminista procura o detalhe e sobre ele desenvolve / imita decorações conforme gostos e exemplos confirmados. Trabalho de paciência e minúcia, a execução da iluminura, requeria o tratamento do suporte — pergaminho, que carecia de ser alisado e preparado para receber o esboço com a ajuda de um estilete e depois as várias aplicações de camadas de cores e ouro.

A circulação do livro vai destronar estes preceitos de copiar e iluminar e muitos foram os que guardaram os seus pequenos segredos; contudo, desde a parafernália de instrumentos à paleta de cores e aos motivos, é possível evocar a iluminura: persistiu, o gosto pelo pormenor.

“Miniaturistas e iluministas encheram a arte francesa sob a protecção de João o Bom e de Carlos V. Filipe de Borgonha e, talvez mais do que ele, o duque de Berry, notável impulso haviam dado também à miniatura, que em Fouquet teve, porventura, o seu mais cotado realizador.



Fig.29 · Trabalho em curso, 2005, imagem obtida em casa da artista.

Para nós Portugueses, a miniatura só mais tarde se desenvolve; tentou-a Josefa d'Óbidos, embora com técnica diferente daquela que depois se adoptou como fez, por exemplo Indeia Valente e outros já nos finais do século XVIII.”¹³ Mas o Séc. XIX traz algo mais a Alice Sande: a sua técnica de pintar a miniatura.

Da encomenda ou desenho, passa primeiro para uma dimensão que medeia entre 1,5cm até 11X15 cm.: o modelo do que se pretende retratar — a alma ou a essência — fica captado pela mão da pintora num esboço a carvão.

Depois, seguindo as lições dos Mestres, por delicados pontos, a composição ergue-se.

Lupa e pincel fino, mão firme e olhar atento, a cor afirma-se e o poder da imagem chega até nós.

Ponto por ponto, pincelada fina e leve e a miniatura surge.

Procurámos uma técnica; o património já experimentado. A cultura, já o dizia Eça de Queirós, vem de França em comboio. Ao tempo da formação de Alice Sande, essas influências são reconhecidas. Por sugestão ou analogia, a técnica conduz-nos até Georges Seurat (1859-1891): em tela e formato médio, utilizava o pontiismo num período já pós-impressionista.”(...)

¹³ Lucena, Armando de, *Exposição de Miniaturas de Maria Alice de Sande Marinha Nogueira Ramos*, Grande Casino Peninsular, Figueira da Foz, 1954



Fig.30



Fig.31

Fig.30 · **Melancolia** · Óleo · Dimensões apox.: 70x80cm · s/d.

Fig.31 · **Senhora de negro** · Miniatura em marfim · Dimensões 8,5x6,5cm · 1949.

conservando inicialmente a divisão da pincelada impressionista, leva-a mais longe, fragmentando metodicamente essa pincelada em pontos coloridos, e é por isso que a sua técnica foi denominada pontiismo. Com efeito, consiste numa justaposição de pequenas manchas de cor cuja intensidade é graduada para criar uma certa profundidade. (...) O método de (...) Seurat é rigoroso e fundamentado.”¹⁴

Para Alice Sande, o seu trabalho é da mesma forma rigoroso e fundamentado. A utilização de finas lâminas de marfim é a novidade. Lâminas tão finas e transparentes que todas as pinceladas, o resultado final, são de uma completa homogeneidade e perfeição.

Desta opção pelo que é pequeno, ínfimo, Alice Sande conseguiu a sua distinção.

“Entre a apreensão do belo na natureza e na vida e a obtenção do belo em objectos artísticos existe uma medida comum, a do enriquecimento da sensibilidade humana, (...)”¹⁵

¹⁴ Upjohn, Everard; Wingert, Paul S.; Mahler, Jane Gaston, *História Mundial da Arte*, Bertrand, 1966, pp.130, 132

¹⁵ Cochofel, João José, *Iniciação estética*, Publicações Europa América, s/d, 3ª edição, p.38



Alice Sande penetrou em outros domínios e não teve qualquer problema em decorar ou embelezar objectos com perspectivas mais imediatas e comerciais. A vida disso não se compadecia.

Mas é honesto reconhecer-lhe, a nível do campo específico das miniaturas, um lugar.

Do desenho primeiro ao pontear final há algo que se procura: provocar a atenção para se descer ao nível do que distingue, ao que diferencia, ao pormenor que individualiza, ao património que se cria.

“(…) A arte (apresenta-se) como uma actividade necessária, válida e irredutível: (...) válida de uma validade humana e social, porque, embora originariamente exigida pela sensibilidade, (...), se carrega de incidências de toda a ordem que a elevam à condição de um testemunho mas um testemunho que se distingue por superar os seus condicionalismos genéticos, mantendo-se vivo e presente.”¹⁶

Um testemunho que se distingue é, pois, o legado de Alice Sande.

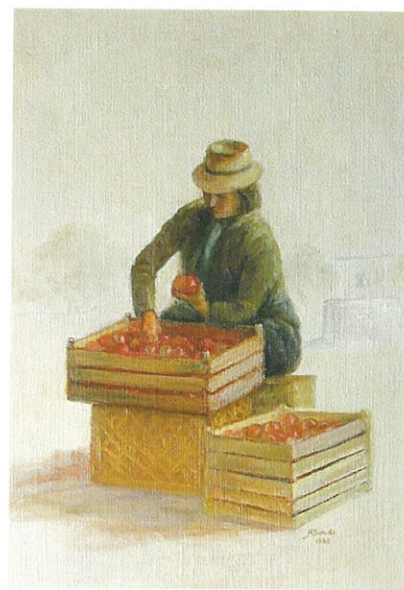


Fig.32 · Faina do tomate · Óleo · Dimensões
aprox.: 60x80cm · 1985.

¹⁶ Idem, ibidem, p.100



Fig.33

Itinerário pelas miniaturas de Alice Sande

Se bem que incompleto — segundo as palavras de Alice - o caderno onde foi registando a lápis, a caneta, o título, data (raras vezes), técnica e comprador/a, de cada um dos seus trabalhos, constitui uma fonte única e primeira de informação. Embora com algumas repetições, pode-se falar de cerca de 420 trabalhos, entre óleos, aguarelas, miniaturas e algumas peças de decoração, por encomenda, (como telas, biombos).

Pelo breve levantamento que nos foi possível fazer e dentro das grandes limitações de tempo, não temos dúvida em afirmar que ainda se tem muito pela frente; estamos a dar os primeiros passos na sistematização e estudo da obra desta autora: há inúmeros contactos a confirmar, famílias a localizar, jornais e catálogos, roteiros de exposições a consultar. E, naturalmente, que se esperam informações que completem estas já organizadas. Decerto mais trabalhos, mais histórias estarão para vir. É o que se espera com investigações desta natureza: o importante é começar.

Dentro da diversidade de trabalhos, e dentro deste contexto, reafirmamos: privilegiou-se a miniatura que a própria autora ainda possui como património pessoal e de colecções particulares.

Fig.33 • S/título • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2,3x3,9cm • s/d.



Fig.34



Fig.36



Fig.37



Fig.35

Fig.34 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2,5x2,5cm • 1979.

Fig.35 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 3x4cm • s/d.

Fig.36 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 1,5x1,5cm • s/d.

Fig.37 • **Tocado branco (?)** • Miniatura em
marfim • Dimensões aprox.: 2x2cm • s/d.



Fig.38



Fig.40



Fig.39



Fig.41

Fig.38 • **Cosendo as meias** • Miniatura em
marfim • Dimensões aprox.: 3x4cm •
1985.

Fig.39 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 3x3cm • 1985.

Fig.40 • **Jovem dormindo** • Miniatura em
marfim • Dimensões aprox.: 3x4cm • s/d.

Fig.41 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2,5x2,5cm • s/d.



Fig.42



Fig.43



Fig.44

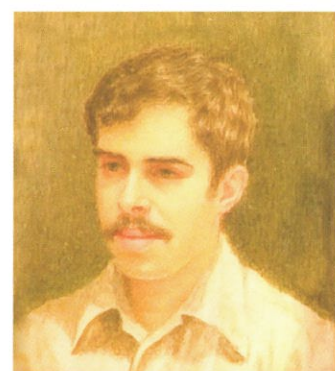


Fig.45

Fig.42 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2,5x3cm • 1969.

Fig.43 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2,5x3cm • s/d.

Fig.44 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2,5x3cm • s/d.

Fig.45 • **Pedro Ramos** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2,5x3cm • s/d.



Fig.46



Fig.47



Fig.48



Fig.49

Fig.46 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 4x6cm • 1947.

Fig.47 • **Cabecita** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2x2cm • s/d.

Fig.48 • **Menina Maria Adélia** • Miniatura em
marfim • Dimensões aprox.: 4x6cm •
1951.

Fig.49 • **S/título** • Miniatura em marfim •
Dimensões aprox.: 2x2cm • s/d.



Fig.50 • Fachada da Casa de Alice Sande,
Largo do Pombal, Junho de 2005.

A Casa - Museu de Alice Sande

Por carta entregue à Câmara Municipal de Góis, em 2004 Alice Sande fez doação de sua casa e recheio à comunidade.

Esta é a vontade; como limite, o respeito pelo património ali existente e a obrigação de o manter e preservar, de o mostrar ao público visitante. São estas as premissas elementares para equacionar este projecto de Casa-Museu, paredes meias com o futuro Museu de Góis.

No dia 20 de Junho¹⁷, apresentámos publicamente a primeira reflexão para dar a esta vontade uma dimensão cultural que ultrapassasse e sublimasse, afinal, esta atitude altruísta.

Tentámos validá-la através do entendimento de cultura como indutor de mais valias para a comunidade; pegando em conceitos que a partir da década de Oitenta se instalaram definitivamente nos discursos e práticas culturais, examinámos este desejo de Alice Sande numa estratégia maior de desenvolvimento local.

Como bem refere Luce Kellermann, no período referido, (e desde então) a questão essencial a nível global é integrar Cultura no conceito de desenvolvimento, tornar evidente que as actividades culturais, no seu

¹⁷ Ver notícia **Jornal de Coimbra**, 20/6/2005, por exemplo.

49



Fig.51



Fig.52

sentido mais amplo, não eram/não são um luxo e que deviam e devem figurar em todos os programas de desenvolvimento ao mesmo nível que outros sectores mais rentáveis. A afirmação das identidades culturais abrange, por sua parte, a preservação e a evidência do valor do património cultural, sobressaindo o tema da mutação criadora das culturas com duas sub-divisões: "a integração das inovações" e "a comunicação intercultural". Esta reflexão, despoletada a nível mundial, em Conferências da UNESCO e arrastando consigo decisões e orientações subscritas pelos países membros, como Portugal, conseguiu que se evoluísse para uma tomada de consciência global que ultrapassou, há muito, a visão tradicional de cultura e induziu a um efectivo desenvolvimento da vida cultural, com grande relevância no campo das artes.

No fundo, a percepção de que a cultura está presente em todos os campos da vida social.¹⁸

Fig.51 - Vista da sala de estar de Alice Sande.

Fig.52 - Óleo sobre madeira - Pormenor do armário visível na fig. anterior.

¹⁸ Kellermann, Luce, *La dimension Culturelle du developpment. Bibliographie sélective e annotée 1985-1990*, L'Harmattan, Unesco, 1992 pp.8-9



Fig.53 - Sala de trabalho da artista.

Pegando neste conceito amplo mas que consideramos estratégico para um concelho como Góis, com elevados índices de migração e mobilidade de população – embora com sinais de retorno que se começam a desenhar – instituir uma casa-museu passa, quanto a nós, por a inserir num projecto mais vasto onde esse seu contributo – o património único que Alice Sande quis deixar para o futuro – possa aduzir algo para a comunidade, no campo da "integração das inovações".

É dentro desse campo teórico, ainda, que nos atrevemos a considerar que a sua casa-museu pode efectivamente trazer mais valias culturais (e não apenas para Góis).

Alice Sande terá que ter adequada a sua casa, no 1º andar, para receber os seus visitantes, todos e todas, aqueles e aquelas que queiram respirar a casa onde esta Mulher desenha, pinta, sonha.



Fig.54

Naturalmente que a melhoria da apresentação e da disposição do património será fundamental mas tudo lá estará.

Da mesma forma que a apresentação da sua história de vida, ligações, contactos, técnica, currículo, eventos notáveis, constituirão informação disponível para promover a melhor compreensão da Casa-Museu. Suportes variados num conceito actual de acessibilidades (gravações, textos bilingues).

Mas arrastar públicos, celebrar e do esquecimento da morte libertar, exige a criação de algo de único e de inédito.

Se Alice Sande se notabiliza pelo trabalho infinitamente minúsculo da miniatura, obra de dedicação, paciência e técnica; se se pode considerar que este campo é, de alguma forma, restritivo e pouco cultivado e visível, em Portugal¹⁹, nos dias que correm; não é menos verdade que a obsessão pelo extraordinariamente grande e massificante atropela a possibilidade de apreender o mais profundo do pequeno e do belo (do Humano).



Fig.55

Fig.54 • **Barco a vela** • Óleo • Dimensões aprox.: 80x60cm • s/d.

Fig.55 • **S/título** • Óleo sobre madeira • Dimensões aprox.: 60x40cm • s/d.



Fig.56



Fig.57

Fig.56 • Fachada norte da casa da artista – em primeiro plano, pátio onde decorrem escavações arqueológicas – futuro Museu de Góis.

Fig.57 • **Goes** • Grafite sobre papel • Dimensões aprox.: 30x20 • Agosto de 1953.

Uma forma de contrariar o excessivamente imenso e de sugerir outras formas de olhar a Arte onde o pormenor não se perca — e a Humanidade também, — pode ser apelar para o interior de nós próprios, revisitar a extraordinária beleza que um pormenor pode esconder e atentar como, das Mãos do/a Artista, uma outra dimensão pode ocorrer.

Instalar galerias generalistas não é a nossa opinião: para trazer projectos, Arte e desenvolvimento a Góis, a instalação de uma galeria de Arte em Pequeno Formato pode constituir uma oportunidade.

Como é do conhecimento de Artistas e galleristas, esta dimensão que entre duas medidas (comprimento e altura), somadas, não podem ultrapassar os 60 centímetros, pode ser a melhor homenagem a Alice Sande ao criar-se algo de inédito, continuado a observar a pequena dimensão.

Um olhar um pouco mais além, uma janela um pouco menos estreita para enfrentar o mundo, é a sugestão para futuramente Góis evocar regularmente a sua miniaturista, agora com um projecto contemporâneo e alargado, transversal e transcultural, na senda das grandes reflexões que ainda envolvem as questões culturais por todo o mundo.

Esta pode ser a nossa grande causa em nome da instalação de um projecto que não se quer seródio, fraco, inoportuno ou fora de tempo.

¹⁹ Atente-se, contudo, a exemplos contemporâneos: Pamela Golden é uma norte-americana miniaturista, em pintura. Cf. Catálogo CAM, 2004.

Alice Sande, ao longo da sua vida, lutou pelo seu espaço e afirmação, contra tudo e contra todos, até contra si própria, na sua pouca amada dimensão de mulher.

Não era fácil ser mulher, independente, dona de si e dos seus desejos e vontades, projectos.

Talvez por isso, este projecto de instalar uma galeria com esta definição — Arte em Pequeno Formato — pode ser a continuação da sua luta, para a eternidade, a procura do seu lugar.

Criar em Góis um projecto expositivo que chame de todo o País e de todas as culturas, uma Arte que não sendo miniatural tem, contudo, uma grande aproximação: olhar para o pormenor da Vida, do Sagrado que se possui e nos eleva, se eleva da singularidade do objecto artístico para a do legado para a Humanidade que nos rodeia.

A Arte é, como dizia Cochofel, de uma forma clara e resumida, “uma actividade necessária, válida e irreduzível(...)”²⁰

Não é possível viver sem causas.

A Casa-Museu de Alice Sande, é para nós e nesta primeira reflexão para que a sua doação traga algo para a Terra, uma causa que abraçamos.

²⁰ Cochofel, João José, ob. cit., p.100

Como acreditamos que não é possível viver sem causas, aqui declaramos:

“Todos nós necessitamos de estar comprometidos com princípios morais que estejam acima das pequenas preocupações e disputas da vida de todos os dias. Devemos estar preparados para sair em defesa destes valores sempre que eles estejam mal definidos, ou ameaçados. A própria moralidade cosmopolita precisa de ser puxada pela paixão. Nenhum de nós terá uma razão digna para viver se não tiver uma causa por que valha a pena morrer.”²¹

É o meu compromisso, Alice Sande.

Ana Paula Assunção

Junho de 2005

²¹ Giddens, Anthony, *O mundo na Era da Globalização*, Editorial Presença, 2000, p.56

Outros itinerários da artista



Fig.58



Fig.59

Fig.58 • **Praia de Mira** • Grafite sobre papel •
Dimensões aprox.: 30x20cm • 26/10/1954.

Fig.59 • **Praia de Mira** • Grafite sobre papel •
Dimensões aprox.: 30x20cm • 13/10/1954.

Fig.60 • **S/título** • Grafite sobre papel • Dimensões
aprox.: 30x20cm • s/d.



Fig.60

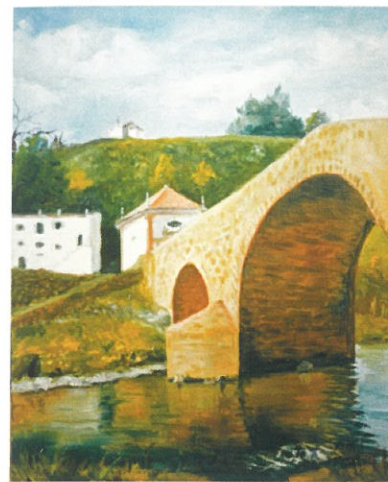


Fig.61

Fig.61 • **S/título** • Óleo • Dimensões aprox.: 60x70cm
• 1999.

Fig.62 • **Rio Minho** • Aguarela • Dimensões aprox.:
30x20cm • 1988.

Fig.63 • **Barca - Algarve** • Óleo • Dimensões aprox.:
80x45cm • 1985.



Fig.62



Fig.63



Fig. 64



Fig. 65



Fig. 66

Fig 64 · A mãe e o menino · Aguarela ·
Dimensões aprox.: 40x60cm · 1983.

Fig 65 · André · Aguarela e lápis · s/dim. · 1987.

Fig 66 · S/título · Óleo · Dimensões aprox.:
40x60cm · 1998.



Bibliografia

Bibliografia

AAVV, **Góis Arte**-1998, 2000, 2002, 2004

Amaral, Ana Filomena Leite, **Góis, Entre o Rio e a Montanha**, CMGóis, 1997

Armorial Lusitano, **Genealogia e Heráldica**, Lisboa, 1961

Cochofel, João José, **Iniciação Estética**, Publicações Europa-América, 3ª ed., s/d

Costa, Américo, **Diccionario Corográfico de Portugal Continental e Insular**, Porto, 1879

Giddens, Anthony, **O mundo na Era da Globalização**, Editorial Presença, Lisboa, 2000

Hamel, Cristopher de, **The history of illuminated manuscripts**, Phaidon Press Limited, Hong Kong, 1994

Huygue, René, **Os Poderes da Imagem**, Bertrand, Lisboa, 1965

Kellermann, Luce, **La dimension Culturelle du developpment. Bibliographie sélective e annotée 1985-1990**, L'Harmattan, Unesco, 1992

Lucena, Armando de , **Exposição de Miniaturas de Maria Alice de Sande
Marinha Nogueira Ramos**, Grande Casino Peninsular, Figueira da Foz,1954

Idem, **Arte Popular. Usos e Costumes Portugueses**, Lisboa, s/d

Pamplona, Fernando de, **Dicionário de Pintores e Escultores
Portugueses ou que trabalharam em Portugal**, Civilização, 2ª ed., 1992

Pinho Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de, **Portugal Antigo e
Moderno. Diccionario Geográfico, Estatístico, Chorographico,
Heraldico, ...**, Lisboa,1878

Sousa, Manuel, **As Origens dos Apelidos das famílias Portuguesas**,
Sporpress, 3ª ed. Lisboa, 2003

Upjhon, Everard M.; Wingert, Paul S.; Mahler, Jane Gaston, **História
Mundial da Arte**, Bertrand, Lisboa, 1966

Manuscritos

Inventário de Alice Sande

Livro de actas da C.M. Góis nº4, 2/5/1974 a 14/6/1977